



**UnB**

Universidade de Brasília

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

ANDRÉ DA SILVEIRA GONÇALVES

**DIÁLOGOS FICCIONAIS: INTERAÇÕES ENTRE UM AUTOR/LEITOR E  
PERSONAGENS**

Brasília - DF

2022

ANDRÉ DA SILVEIRA GONÇALVES

**DIÁLOGOS FICCIONAIS: INTERAÇÕES ENTRE UM AUTOR/LEITOR E  
PERSONAGENS**

Monografia em Literatura apresentada ao curso de Letras Português da Universidade de Brasília - UnB, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Trindade Nakagome

Brasília - DF

2022

## AGRADECIMENTOS

Toda a minha gratidão:

Aos personagens amigos que inspiraram este trabalho: Juliàn, Charlie e Briony.

Aos meus pais que sempre apoiaram e acompanharam todos os meus planos e sonhos com amor e compreensão.

À professora Patrícia Nakagome pela confiança, incentivo e direcionamento e por acalmar meu coração e minha mente nos momentos em que eu mesmo não acreditava em mim.

À Ana Kelly por estar presente em literalmente todos os momentos e por ser a minha alma gêmea do mal (no melhor sentido).

À Ana Clara por sua amizade, incentivo e por ser o melhor presente que a UnB me deu. Se eu não desisti dessa jornada até aqui foi pelo seu companheirismo e suporte sempre.

À Ludmila por ser uma grande inspiração de resiliência, persistência e determinação. Você é uma das pessoas mais admiráveis que já conheci na vida.

Ao Reinaldo (Dinho) por cada conversa, compartilhamento e pelas risadas.

À Sílvia, por me abraçar, me escutar e por sempre me lembrar que eu tenho limites e que não há problema nenhum nisso.

E à todas as demais pessoas que eu conheci durante esses anos de jornada na UnB. Foi um sonho realizado.

## RESUMO

Segundo Antonio Candido (CANDIDO, 2007, p. 54), a personagem desempenha um papel de destaque dentro da tríade “enredo, personagem e ideias” para construção de um romance. A partir deste fato e do processo de formação de leitores, o presente trabalho tem como intuito estabelecer um diálogo que sirva para explicitar e compartilhar a relação de identificação entre o autor/leitor e as personagens de romances. Definido a partir do seu papel neste trabalho, o autor/leitor é uma entidade baseada na sua paixão pelos livros e no processo de escrita autoral. Escolhidas dentre tantas que compõem parte da formação literária dessa entidade, as personagens são acessadas por meio da produção de cartas, que as têm como destinatários. Essas produções escritas funcionam como uma conversa entre esses entes e uma maneira de justificar os vínculos definidos durante as experiências de leitura e releitura de determinados livros e os laços criados com as personagens, que assumem um papel quase que de mentoria para um aspirante a escritor. Além de Candido, é em Rita Felski que esse autor/leitor busca as referências para respaldar sua relação com as personagens e reafirmar a força exercida por elas para vivificar as obras das quais elas fazem parte.

**Palavras-chave:** personagem; autor/leitor; identificação; carta.

## SUMÁRIO

|                                  |    |
|----------------------------------|----|
| Introdução .....                 | 6  |
| Os Destinatários .....           | 10 |
| As Cartas .....                  | 13 |
| Carta 1 .....                    | 14 |
| Carta 2 .....                    | 17 |
| Carta 3 .....                    | 21 |
| Considerações Finais .....       | 24 |
| Referências Bibliográficas ..... | 25 |

## INTRODUÇÃO

O ato de ler é uma experiência que transforma a forma como o indivíduo vê o seu redor. Quando uma criança adquire a autonomia das primeiras letras e começa, sozinha, a interpretar o mundo escrito, ela tem a oportunidade de alcançar espaços que antes estavam fora do seu alcance. É nesse contexto de formação que grande parte dos leitores são constituídos e um processo de evolução é iniciado. As histórias ouvidas na infância passam a ser lidas na individualidade dos livros. Gradativamente, os níveis de complexidade desses escritos são ampliados e o leitor tem acesso às obras das mais diversas origens e tipos, sendo o caminho até os romances um dos mais trilhados.

A experiência da leitura de um romance transcende a realidade do leitor. Não há limites para o que se abre diante de uma história bem contada. Ela pode se passar em um país do outro lado do Atlântico, em um mundo paralelo rodeado de monstros lendários ou em outro planeta do nosso sistema solar. Seja em um enredo construído no cotidiano do tempo presente, em uma trama que revive um desastre de um passado distante ou em uma distopia que descortina um futuro realmente assustador, as possibilidades são infinitas.

Adentrar essas aventuras literárias é um mergulho no desconhecido e o leitor investe tempo e atenção para ultrapassar sua própria existência nesse processo de busca por histórias que realmente o arrebatem, seja por suas qualidades imaginativas ou simplesmente pela boa execução de sua construção.

De acordo com Antonio Candido, um romance bem realizado é desenvolvido sobre três elementos inseparáveis: o enredo, a personagem e as ideias. Porém, dentre eles, é a personagem que se destaca pois “representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência etc. A personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos.” (CANDIDO, 2007, p. 54).

Seguindo essa premissa, são as personagens que fornecem ao leitor o que há de mais vivo no romance. Candido afirma que o processo de leitura depende “basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor” (CANDIDO, 2007, p. 54). É na crença dessa verdade que reside toda a relação do leitor com o romance, que o faz prosseguir na leitura até a sua conclusão e que mantém a história viva em sua memória muito depois de terminá-la.

E é sobre essa vivacidade dos personagens de um romance que muitos leitores sustentam uma relação que ultrapassa a barreira das palavras e das páginas, criando laços e trazendo à existência frutos da pura imaginação de um autor. É Candido, também, que registra essa possibilidade como um dos pilares da construção de romance ao expressar que:

A personagem é um ser fictício, — expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste. (CANDIDO, 2007, p. 55)

É fácil identificar relatos de pessoas que têm com essas personagens uma relação que ultrapassa a simples apreciação. Rita Felski (20019), ao tratar da atração que as personagens exercem e do processo de identificação construído com estes seres imaginários, reforça as possibilidades da ficção ao afirmar que ela “pode tornar as figuras ficcionais mais vívidas, mais intensamente presentes, do que muitas pessoas ao nosso redor”<sup>1</sup> (FELSKI, 2019, p. 84, tradução nossa).

Um exemplo citado por Rita Felski (2019) é o do autor Mario Vargas Llosa. Em seu livro *Orgia Perpétua*, escrito especificamente para analisar a personagem Emma Bovary de Gustave Flaubert, ele declara que:

um punhado de personagens literários marcou minha vida de maneira mais duradoura que boa parte dos seres de carne e osso que conheci. Embora seja verdade que quando personagens de ficção e seres humanos são presente, contato direto, a realidade destes últimos prevalece sobre a daqueles — nada tem tanta vida como o corpo que se pode ver, apalpar —, a diferença desaparece quando ambos voltam a ser passado, recordação, e com vantagem considerável para os primeiros sobre os segundos, cuja deliquescência na memória é irremediável, na medida em que o personagem literário pode ser ressuscitado indefinidamente, com o mínimo esforço de abrir as páginas do livro e deter-se nas linhas adequadas (VARGAS LLOSA, 2015, p. 11).

---

<sup>1</sup> Citação original: “can make fictional figures more vivid, more intensely present, than many of the people around us.”

Vargas Llosa entendia o poder avassalador de um romance, tanto que ele dedicou uma obra inteira para analisar um livro e responder o “por que Madame Bovary remexeu camadas tão profundas do meu ser, por que me deu o que outras histórias não conseguiram me dar” (VARGAS LLOSA, 2015, p. 14). Para ele, Emma era mais do que uma descrição precisa e bem calculada de Flaubert, mas sim uma mulher digna de nota dentre os heróis do romance do século XIX.

Emma era importante para Mario. Ao ler suas impressões sobre ela, pode-se inferir que na concepção dele, ela ultrapassou as barreiras da mente. Rita Felski diz que “personagens são importantes para nós e ainda assim não estão simplesmente ‘em nossas mentes’; elas vêm até nós como se fossem de outro lugar; elas possuem um grau de solidez, permanência e força.”<sup>2</sup> (FELSKI, 2019, p. 87, tradução nossa). Essas personagens passam a fazer parte das memórias afetivas dos leitores e adquirem contornos mais realistas e externos, fortalecendo essa relação.

É a partir do estreitamento dos laços entre leitor e personagens que o autor deste trabalho se forma. A influência dessa relação se estende para a prática da escrita, assumindo um papel fundamental: o da produção de diálogos entre esse leitor, que também se faz escritor, e algumas das personagens que marcaram sua trajetória. Surge então o que será chamado a partir daqui de autor/leitor.

Na formação do autor/leitor deste trabalho, muitos foram, durante a sua história de vida, os romances que o marcaram, assim como muitas foram as personagens destes romances que ultrapassaram a barreira da ficção para alcançar o patamar sólido de uma existência. Elas se tornaram mais do que “apenas feixes de significantes; são atores mundanos aureolados de força afetiva e existencial.”<sup>3</sup> (FELSKI, 2019, p. 87, tradução nossa).

A força dessas personagens sempre seduziu e instigou este autor/leitor de forma a levá-lo a interferir oralmente e diretamente durante a leitura de determinadas obras. Sejam através de simples comentários ou mesmo conversas acaloradas (mesmo que solitárias) sobre os encaminhamentos que certas escolhas das personagens geram, esses diálogos sempre expressaram o nível de envolvimento e identificação deste autor/leitor com

---

<sup>2</sup> Citação original: “Characters matter to us and yet are not simply ‘in our minds’; they come to us as if from elsewhere; they possess a degree of solidity, permanence, and force.”

<sup>3</sup> Citação original: “just bundles of signifiers; they are worldly actors haloed with affective and existential force.”

algumas obras de ficção em questão e com personagens específicas. Muitos destes diálogos foram o início de uma profunda reflexão sobre a influência que algumas dessas personagens exerceram e ainda exercem na construção de uma cosmovisão ampliada pelas experiências de leitura.

Registrar essas interferências não era uma necessidade desde autor/leitor. Elas não eram uma tentativa de estender um enredo considerado inacabado ou reavivar certas personagens com ações e experiências para além das linhas definidas de uma obra acabada, como na elaboração de uma fanfiction<sup>4</sup>. Eram, porém, uma maneira de expressar a profundidade das marcas que essas obras deixaram. Mas, ao longo dos anos e com a formalização dos estudos literários deste autor/leitor, teorizar e compartilhar esses diálogos tornou-se uma possibilidade atrativa e viável ao perceber que suas reflexões poderiam agregar conhecimento e oportunizar a prática da escrita, uma paixão resguardada, que seria trazida à tona através destes registros.

Assim, este trabalho surge como uma maneira de oficializar esse compartilhamento, dando forma a extratos de diálogos com alguns dos personagens que tornaram-se, ao longo dos anos, parte fundamental da formação deste autor/leitor, em ambos os aspectos que esta alcunha contém, focando principalmente no processo de identificação construído durante as experiências de leitura e releitura de romances selecionados.

---

<sup>4</sup> Segundo VARGAS (2005), “a fanfiction é, assim, uma história escrita por um fã, envolvendo os cenários, personagens e tramas previamente desenvolvidos no original, sem que exista nenhum intuito de quebra de direitos autorais e de lucro envolvidos nessa prática. Os autores de fanfictions dedicam-se a escrevê-las em virtude de terem desenvolvido laços afetivos tão fortes com o original, que não lhes basta consumir o material que lhes é disponibilizado, passando a haver a necessidade de interagir, interferir naquele universo ficcional, deixar sua marca de autoria.

## OS DESTINATÁRIOS

Um dos maiores desafios deste trabalho consistia exatamente em selecionar, dentre todos as personagens disponíveis na lista de leituras deste autor/leitor, aquelas que melhor representariam essa relação de identificação entre leitor e personagem. Desde o começo, um aspecto que já se apresentava como imprescindível era a definição de um ponto de convergência, ou seja, de uma característica que estabelecesse um vínculo entre as personagens escolhidas.

A paixão pela escrita e o desejo de produzir algo autoral somou-se a necessidade de criar um texto que conversasse com essas personagens, privilegiando a seleção daquelas que tivessem uma relação mais clara com esse processo de escrita, por ser uma faceta que atrai este autor/leitor, em específico.

Dentre as obras que compõe o histórico de leituras marcantes para este autor/leitor e algumas de suas personagens, buscou-se por aquelas que apresentavam uma paixão declarada pela escrita, utilizando-a abertamente como instrumento de comunicação ou mesmo como profissão.

Três personagens se destacaram dentro dessa perspectiva: Juliàn Carax, personagem escritor de romances na quadrilogia *O Cemitério dos Livros Esquecidos* do autor Carlos Ruiz Zafón; Charlie, apelido do adolescente e remetente das cartas que compõe o romance *As Vantagens de Ser Invisível* do autor Stephen Chbosky; e Briony Tallis, personagem escritora do romance *Reparação* do autor Ian McEwan.

Definida a escolha destas personagens, surge uma nova questão: como estabelecer um diálogo direto com elas, de forma a explicitar a relação de identificação entre leitor e personagem? É uma das próprias personagens escolhidas que dá a resposta para esta questão: Charlie e suas cartas. Bertolin, Catalão e Santos (2017) apresentam que a carta, como gênero textual, é

um “diálogo” entre interlocutores que possuem um determinado grau de intimidade, permitindo, assim, uma linguagem mais intimista e espontânea. Além disso, tem uma estrutura textual bastante delimitada, apresenta narrações, descrições, argumentações e injunções e expressa sentimentos, emoções, questionamentos e experiências vividas pelo emissor (ou pelos interlocutores). (p. 123-124)

Com isso em mente e estabelecidos os destinatários, com quem o autor/leitor tem certa intimidade, construída através das leituras e releituras das obras nas quais estas personagens estão inseridas, é iniciado o processo de redação das cartas. Elas permitem um caminho para comunicação entre essas duas instâncias, sem a necessidade de uma interação real e com amplas possibilidades. O autor/leitor tem a chance de expor seus motivos e entregar, de maneira livre, uma clara forma de interação com o seu interlocutor/personagem, mesmo que este não tenha a capacidade de resposta. Há a possibilidade, para o autor/leitor, de um processo catártico de representação de todos os sentimentos construídos durante a leitura, extrapolando o escrito original através da imaginação, demonstrando os vínculos criados através da identificação com a personagem.

Com Juliàn, da série *O Cemitério dos Livros Esquecidos* e o primeiro dos destinatários, o vínculo foi construído por meio de uma admiração pessoal pela sua história de vida e pela forma como ele sempre se utilizou da escrita, desde a infância, para ressignificar suas dores e traumas, criando uma carreira. Mesmo sendo uma personagem sem voz ativa nos romances, pelo menos na maior parte do tempo, sua presença quase onipresente durante a narrativa marca o destino de todas as demais personagens. Ela assume para este autor/leitor o papel de uma espécie de mentor ou, na prática, uma referência estilística para sua escrita. O fato de “A Sombra do Vento” ser tanto o título do romance do Zafón como também da obra escrita pelo Juliàn dentro do romance cria uma forte impressão metalinguística, convergindo e confundindo os papéis do autor e da personagem, levantando uma questão: “Quem é realmente admirado: o autor ou a personagem?”. É nesse contexto que esta personagem ganha forma e contornos cada vez mais reais para o autor/leitor.

Com Charlie, de *As Vantagens de Ser Invisível*, o formato da narrativa já ultrapassa os limites ficcionais desde as primeiras linhas. As cartas, com destinatário não identificado, aproximam o autor/leitor da história, que assume para si o papel de destinatário já ao final da primeira carta. O estilo intimista das cartas gera empatia pelo narrador e vai montando, gradativamente, um quadro que apresenta uma imagem clara e ao mesmo tempo indefinida do ambiente onde a história se passa, fazendo com que o autor/leitor procure referências e semelhanças em seu próprio derredor. Já nesse ponto, Charlie pulou de personagem para remetente possível e real. Suas cartas facilmente poderiam ter sido encontradas, guardadas em uma caixa esquecida em um sótão, por um novo morador que inicia a leitura delas e

invade a história, assumindo-a como sua. Como não se sentir impelido a responder e comentar as cartas encontradas?

Com *Briony*, de *Reparação*, a narrativa é construída para enganar o leitor desde a primeira frase. Como imaginar que o romance que estamos lendo é na verdade um romance escrito por uma das próprias personagens? As letras BT (Briony Tallis) seguidas pela localização e ano (Londres, 1999) parece deslocado e incongruente até que se vire a página. A sequência final do romance, na qual a personagem assume a narrativa em primeira pessoa, surpreende e impressiona, deixando marcas profundas no autor/leitor, que passa a acompanhar as reflexões de uma autora que se divide entre o auge da sua carreira e a expectativa do declínio de sua saúde mental. É nesse ponto que o título da obra ganha novos contornos e um significado completamente inesperado. Que poder imenso tem um autor capaz dessa proeza? Como não enaltecer alguém capaz de enredar seu leitor numa trama tão bem construída? Para esse autor/leitor, Ian se apagou e só Briony restou para receber o ódio e admiração em iguais proporções.

É com estes diálogos, efetivados através destas cartas, que o processo de identificação entre este autor/leitor e as personagens assume uma forma física e passível de compartilhamento. Já não é mais uma experiência individual e puramente imaginativa, mas adquire contornos de uma nova produção literária e expande seu universo criativo para além das páginas de um livro, oportunizando o livre trânsito de ideias com outros leitores, tenham eles experiências semelhantes ou não diante da leitura de estas obras.

## AS CARTAS

Esta seleção é composta por três cartas, escritas dentro de um período aproximado de 15 dias, mas que, na verdade, comporta mais de 15 anos de histórias e experiências de leitura e escrita. Estas cartas resumem relações de amizade e admiração entre o autor/leitor e as personagens escolhidas, personificando o processo de identificação que foi construído desde as primeiras leituras destas obras até cada uma das releituras que reforçaram ou modificaram as impressões que elas deixaram.

## CARTA 1

10 de julho de 2022

Olá Julián,

Comecei essa carta há alguns meses atrás com a intenção de compartilhar contigo sua influência no meu processo de escrita. Hoje eu a retomo como parte de um processo para agradecer aos amigos que, ao longo dos anos, me ajudaram a desenvolver minha própria voz literária e que tantas vezes me auxiliaram a reencontrá-la ao longo da jornada, sempre que eu a perdia de vista.

Te encontrei pela primeira vez entre as estantes de uma livraria em Goiânia, ainda em meados de 2007. Naquele mesmo dia, sentamos em um café no centro e você começou a me contar a sua história. Nos perdemos entre as horas nesse compartilhamento e ao novamente tomar conhecimento do tempo, já ia alta a noite. Me despedi momentaneamente de você, com a promessa de um reencontro nos breves intervalos entre meus mil compromissos profissionais e acadêmicos.

Já havia alguns meses em que eu dividia meu tempo entre o trabalho no Centro durante o dia e as aulas da graduação durante a noite. E foram nos intervalos de almoço e nos longos percursos realizados de ônibus, que retomamos nossos encontros furtivos, nos quais a sua história seguia sendo contada, refletida em tantas vozes, que ainda ecoam por dentro de mim.

Quando finalmente sua história parecia concluída, meu coração pesou com o silêncio. Era o vazio da sua ausência. Eu precisava te ouvir e mais do que tudo, eu precisava falar. Nossas conversas fluíram de mim pelo teclado do computador para as páginas de um blog nas madrugadas quentes e lá, disponível para um mundo virtual jovem e ainda pouco conhecido, minhas palavras foram ganhando um mundo, limitado e pouco acessado, mas indo muito além das fronteiras do meu próprio alcance físico.

Escrevi muitas histórias além da nossa. Expandi minha voz para além da sua sombra e fui traçando caminhos novos com minhas palavras, sem nunca esquecer de você. Você é, ainda hoje, 15 anos depois, uma inspiração para minhas tentativas, hoje quase que completamente esquecidas, de contar minha própria história.

Zafón me trouxe Martin, e nele eu busquei uma vez mais os diálogos que eu tive contigo, a troca que conseguimos, tudo que você me ensinou com sua vida. Mas ainda não

era você. E as palavras começaram a rarear e a minha voz solitária parou de ecoar. Os anos passaram e eu parei. Calei a minha voz na escuridão do meu ego e o blog morreu. Eu buscava outras vozes, mas nada trouxe de volta o que encontrei em você.

Foi só em 2017, dez anos depois daquela primeira tarde quente em Goiânia, que te reencontrei. Revivi nossas conversas gravadas em papel uma vez mais e refiz novamente o caminho que Zafón traçou para mim até chegar ao novo e ao desconhecido. Nossa nova conversa foi atravancada, recheada de novas vozes e algumas antigas, que outrora tinham me levado até você. Mas eu me surpreendi e com o passar do tempo, lá estava novamente você. Você e sua própria e viva voz, me contanto mais uma vez seus caminhos, sua trajetória e sua experiência. Chorei de saudade e fiz com que nosso novo diálogo corresse lento e significativo. Foi já no fim desse novo encontro que ouvi novamente, e pela primeira vez diretamente de você, que “nós existimos enquanto alguém se lembra de nós”. E pensei que enquanto minha vida durar, você sempre existirá, porque você nunca deixou meus pensamentos, nunca deixou de me inspirar.

Mas e quanto a mim? Quem se lembrará de mim? Zafón não te esqueceu, Daniel não te esqueceu, Julián filho não te esqueceu... Eu não te esqueci. Você existirá pela vida de cada uma das pessoas para quem te apresentei. E quem sou senão mais um dos milhares que fizeram sua voz ecoar forte como o vento. Sua voz, a de Zafón...

Zafón que em 2020 partiu levando consigo uma esperança de te reencontrar. E como te achar? Como conversar mais uma vez? Você ainda está ali, guardado em minha estante, tantas vezes revisitado ao longo desses anos. Mas agora eu te ouvia e já não conseguia falar: mudo, vazio de palavras e de ações. Foi aí que uma pessoa querida me incentivou a te escrever e mais uma vez conversar e ir além, compartilhar contigo a voz que um dia você acendeu em mim. Uma voz esquecida em meio às páginas de um blog desativado.

Inspirado por outro grande amigo, comecei esta carta, há alguns meses atrás, com a ideia de trazer nossa relação de volta e alinhá-la de alguma forma com meus trabalhos acadêmicos. E foi a partir dessa nossa conversa que muitas outras ideias começaram a surgir. Meus últimos anos foram dedicados a uma luta intensa para conciliar o necessário trabalho diário com meus sonhos de uma formação em Letras. E quando finalmente me encontro diante de uma possível finalização para essa jornada, foi essa carta, que retomo agora, por uma sugestão externa, que me deu o direcionamento para o meu trabalho final.

Busquei então, dentro de mim, outros companheiros que, assim como você, me inspiraram e me incentivaram a dar vazão aos meus sonhos de escrita, retomando uma prática que sempre ficou relegada aos cantos escuros da minha existência, sem a oportunidade de verem a luz. E a eles vou destinar cartas que, assim como esta, tem a intenção de contar esta história de identificação.

Que esse passo, além de concluir um estágio da minha formação, possa reacender em mim o desejo de recomeçar um caminho que eu pensava ter morrido, mas que talvez tenha apenas adormecido.

Com gratidão eterna.

André.

## CARTA 2

12 de julho de 2022

Querido Charlie,

Na primeira vez em que li suas cartas, mais de uma década atrás, eu encontrei, em suas palavras e no compartilhamento de suas experiências e histórias, o conforto para muitas das minhas dores. Naquela época eu já não escrevia mais cartas para meus amigos, uma prática que cultivei durante os anos em que estudei fora. A distância da família era minimizada pela expectativa dos envelopes encontrados na caixa de correio. Mas até isso ficou para trás depois que a tecnologia interrompeu a prática da escrita manual com o uso de e-mails e celulares cada vez mais inteligentes.

Foi nesse contexto novo e esvaziado pela velocidade das respostas (quase que imediatas), que a prática da leitura me trouxe suas cartas. O volume verde, já meio desgastado, encontrado em um sebo, me apresentou a aquele jovem que buscava compreensão e amizade nos olhos de um destinatário que não o conhecia. Cada carta funcionava como um diário que buscava muito mais do que um simples desabafo, procurava compreensão e esperava por identificação, na esperança de minimizar a solidão de suas próprias dores. Não havia necessidade de respostas, apenas a certeza de que alguém iria ler.

No início, na primeira vez em que me aventurei em suas cartas, eu sou sincero em dizer que eu não o compreendia. Não conseguia entender o jovem tímido e extremamente observador que havia perdido o melhor amigo e que agora ingressava em uma nova etapa dos seus estudos cheio de medos e expectativas, cujo choro descontrolado gerava desconforto em colegas e professores. Sua sinceridade e ingenuidade me incomodavam e eu só conseguia pensar no que havia de errado com você.

Mas a cada nova página, a cada nova carta, eu era completamente envolvido na narrativa de seu dia a dia e começava ver o mundo através dos seus olhos gentis e curiosos. Suas leituras foram o primeiro passo para quebrar minhas dúvidas e restrições sobre você. Uma pessoa que fala tão apaixonadamente sobre os livros que lê e relê tem minha simpatia automática. E foi assim que “O Sol é para todos” entrou para minha lista de desejados, o primeiro dos muitos livros que suas cartas me apresentaram e que hoje já li e reli como um prazer compartilhado contigo.

Suas cartas também me trouxeram uma referência profissional. A forma inteligente e compreensiva como “Bill”, o professor de inglês avançado, instigava e conversava contigo me encantou e me mostrou o tipo de professor que eu gostaria de ser para os meus alunos.

A maneira sensível e natural como você sempre acolheu as diferenças, mesmo que diante da sua incompreensão, me mostrou que o mundo pode ser bonito e simples. Que a maior parte dos problemas podem ser resolvidos com empatia e acolhimento.

Mas então eu percebi que estava só começando. Sua amizade com a Sam e com o Patrick e suas conversas certeiras com o Bill me fizeram acompanhar fascinado seu amadurecimento. De observador, eu vi você gradativamente se tornar um participante ativo da vida. E eu comecei a te admirar, a te invejar e a me penitenciar por ver que eu mesmo não amadureci como você. Vi meus anos passarem sem encontrar nas experiências de vida a coragem de enfrentar meus medos, preconceitos e todas as limitações que eu mesmo me impus.

Acompanhei fascinado cada uma das suas tentativas de participar mais da vida e sofri com cada uma das suas decepções e dores. E apesar de tudo isso, ainda tinha algo escondido. À medida que você, com sua capacidade de observação e inteligência, descortinava para mim cada um dos seus familiares e amigos, eu percebia que havia algo em você que eu ainda não conseguia acessar. E esse algo me incomodava não apenas por não saber, mas principalmente por imaginar que eu sabia mais do que gostaria de admitir.

Por isso eu segui. Continuei a acompanhar seus acertos, seus erros, seus pedidos de desculpa e a força com que você defendia sua família e amigos. E mesmo quando todos te afastaram, eu me aproximei cada vez mais. A forma como você sempre buscou agradar a todos, anulando suas próprias vontades e desejos, como sempre escolheu o bem-estar do outro ao invés do seu, me mostrou como em um espelho, a representação da minha própria existência e das minhas escolhas. Nesse momento eu só queria te acolher, abraçava cada página, com lágrimas nos olhos, tentando te abraçar, te amparar e te dizer que eu compreendia. De verdade.

Seu sofrimento era meu sofrimento, suas lágrimas e desalento eram meus também. Já não conseguia diferenciar você de mim mesmo. Quem escreveu aquelas cartas? Eu me via em você.

Esperava ansioso o instante da redenção porque não admitia a possibilidade de seu sofrimento continuar. Eu precisava, mais do que imaginava, descobrir que tudo ficaria bem,

que as coisas iriam se acertar, porque eu sabia que se você ficasse bem, eu podia continuar tendo esperança. Foi então que tudo começou a se acertar.

E se estava tudo melhor, porque eu ainda não estava tranquilo com suas cartas? Eram alguns trechos aqui e ali que, apesar da aparente felicidade, ainda me incomodavam. Era uma angustia que eu conhecia tão bem, que eu sabia que ainda te assombrava. Era essa necessidade de se cercar, de participar, de ver todos a sua volta felizes e satisfeitos, que camuflava uma dor que, por mais enterrada que estivesse, pelo tempo e pelas tentativas se seguir, continuava a latejar.

E quando tudo explodiu, quando a força arrebatadora de uma dor antiga te nocauteou, que eu entendi o poder da identificação. Em cada fala entrecortada, em cada descrição, por mais indireta que se apresentasse, eu me via em sua dor. Eu entendia a extensão daquilo que te machucou por tanto tempo. E mesmo com a esperança presente em sua última carta, mesmo com as promessas de um futuro, eu sei, por experiência própria, que tem coisas que não passam, que não são superadas. Que continuarão sempre a nos assombrar.

E então você seguiu. Suas cartas acabaram, mas sua história continuou. E como você pediu, eu tento acreditar que está tudo bem com você e que mesmo quando não estiver, logo ficará tudo bem. Não é fácil acreditar, assim como não é fácil ter esperanças, mas depois que li a sua última carta, foi tudo isso que eu tentei fazer: acreditar e ter esperança, por você e por mim também.

Tenho tentado, principalmente por gratidão a você. Suas cartas me devolveram, em um momento muito difícil para mim, o prazer da escrita e o poder libertador das palavras. Pelo menos por um tempo.

Desde então tenho vivido e tentado participar mais, fazer mais por mim e não deixar que os outros vivam no meu lugar. Tenho tentado viver além dos livros que leio, além das paredes do quarto que me acolhem. Mas nem sempre é fácil. Altos e baixos sempre acompanharam a minha jornada e a escrita ficou de lado até bem pouco tempo atrás. Mas uma coisa sempre me ajudou: suas cartas. Eu as trouxe comigo e as reli inúmeras vezes, sempre que ficava difícil, eu recorria à sua história e reencontrava coragem e esperança para continuar.

Já tem alguns anos que decidi voltar a estudar, mas dessa vez ouvi minha paixão e resolvi me aventurar nas Letras, para abraçar com mais intensidade os livros que tanto

amamos. E os últimos setes anos foram carregadas por essa intensa guerra para realmente seguir e concluir essa nova aventura. E agora estou aqui, finalmente diante da linha de chegada, buscando forças e ideias para a última batalha. E foi você que me inspirou e me deu a arma para vencer essa disputa. Esta é a segunda de uma série de cartas destinadas aos amigos que me forneceram os instrumentos necessários. E você é um desses amigos Charlie, um bom amigo, a quem acabei de recorrer em uma releitura e a quem eu espero recorrer ainda muitas vezes durante a minha vida.

Com amor,  
André.

### CARTA 3

20 de julho de 2022

Cara Briony,

Está não é uma carta fácil de ser escrita. Eu a conheci em um contexto visual. Eu acompanhei em uma tela a construção da sua história, fui enganado e me surpreendi com cada um dos encaminhamentos da sua narrativa. Fui arrebatado e fiquei marcado por tudo que vi ali. Não era uma história qualquer. Era intensa e especial. E eu queria mais. Vi e revi a sua história com a ânsia de quem busca sentido.

Mas não foi suficiente. Quando descobri que você nasceu nas páginas de um livro, não pude me conter até conhecer suas verdadeiras origens. Tinha o receio de a experiência ser estragada por já te conhecer anteriormente. Ledo engano: era tudo igual e ao mesmo tempo era tudo novo. Eu mergulhei mais uma vez na sua história e novamente fui enganado e surpreendido, porque ali eu via a qualidade de uma grande escritora. Você nasceu diante dos meus olhos mais uma vez e eu segui o percurso de te conhecer pelas suas próprias mãos, mesmo sabendo a verdade e vivendo como que sem saber.

Desde então eu nutro por você os mais contraditórios sentimentos. No começo, você era, para mim, ao mesmo tempo uma jovem talentosa e orgulhosa, e nisso residia boa parte dos seus erros. Quanto mais talentosos nós somos, mais acreditamos que a qualidade do nosso trabalho justifica todas as nossas atitudes e você sabia como era boa. Via que suas produções eram mais do que mero capricho infantil e se orgulhava disso. Via nos olhos de seus familiares a recepção positiva a uma jovem promissora. Vivia cercada de amor e incentivo. Tinha todos aos seus pés. E para mim, foi isso que nublou suas percepções da realidade. Mas será? À medida que as páginas eram viradas e eu ouvia sua história, eu já não tinha mais certezas.

Como não admirar o seu talento? Como não invejar as suas oportunidades? Você estava no lugar certo e tinha todas as cartas na mão. Então, como te perdoar? Como desculpar seu egoísmo? A contrariedade de pequenos ajustes a tornou arrogante e a fez ler os acontecimentos ao seu redor sobre uma lente deturpada e irregular. E diante de um fato inusitado, por que não se vingar? Por que não contar a sua versão da história? Por que não alinhar o que tinha em mãos e se tornar a voz da justiça? E foi assim que você cometeu a maior das injustiças.

Então você construiu uma tentativa gradativa de reparação. Escolhas inusitadas e controversas mostravam sua necessidade de buscar consolo para sua consciência. E eu vi você, corajosa e arrependida, buscando redenção. Vi seu sonho de escritora finalmente trilhando um caminho mais realista do que uma peça infantil de família. E em meio às privações de uma guerra, você ainda mantinha seu sonho aceso pelas madrugadas. E mais uma vez eu te admirei. E mais uma vez eu invejei a sua força de vontade e resiliência. Você estava no lugar certo, bastante atrasada para uma reparação, mas com todas as chances de fazer diferente. E eu finalmente vi um lampejo de esperança final para aqueles que você machucou.

Como me deixei enganar novamente? Eu teoricamente já conhecia o desfecho, mas eu simplesmente me deixei levar mais uma vez. Você estava ali, narrando em primeira pessoa o limiar da sua vida, com os desdobramentos da sua história de sobrevivência e eu ainda não acreditava no que estava por vir. Em mim ressoa sua própria questão: “O que foi que aconteceu de verdade?”. É nesse ponto que eu choro mais uma vez de raiva e frustração por imaginar que a sua reparação pode não ser real.

Mas isso a torna menos verdadeira e admirável? Quando pensei em escrever essas cartas, eu buscava destinatários que fossem amigos, pessoas inspiradoras nessa jornada da escrita e que me motivassem a escrever. Por isso, passei muito tempo em dúvida se eu realmente gostaria de escrever a você. Mas quando revivo as experiências da sua narrativa, eu penso ser impossível não te escolher. Tudo que você suscitou em mim durante a sua história é exatamente o que eu gostaria de gerar naqueles que vão me ler. Eu me tornei um escritor melhor quando te conheci. Você pode ter infinitos defeitos e um caráter não tão admirável, mas você é uma das maiores contadoras de histórias que já tive o privilégio de acompanhar!

Por isso não posso deixar de te agradecer. Quando você compartilha seu medo diante de um futuro incerto, onde sua mente, seu maior orgulho, está condenado ao declínio, eu me compadeço de você com ainda mais intensidade do que me compadecei do Robbie e da Cecília, por exemplo. Porque eu sei como é ter orgulho da sua própria mente, da sua capacidade criativa e da sua percepção de mundo. Mesmo que pareça controverso, de todas as pessoas a quem eu escolhi escrever, você ainda é aquela em quem mais me espelho como escritor. Porque se eu tiver um quarto do seu talento, eu já me considerarei uma pessoa realizada.

Por isso, mais uma vez, muito obrigado por existir e por me mostrar que “a tentativa era tudo”.

Com gratidão,

André.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado final da produção escrita dos diálogos deste autor/leitor com algumas das personagens, que fazem parte do arcabouço de relações construídas por meio das experiências de leitura, foi um processo poderoso de reconhecimento, que propiciou uma imensa sensação de satisfação.

Desde o instante em que as personagens foram escolhidas e as cartas começaram a ser escritas, a fluidez com que palavras foram surgindo foi surpreendente. O desejo de compartilhar essas histórias de identificação, mesmo que nunca antes verbalizadas, pareciam latentes. Elas estavam presentes durante a graduação e parecem finalmente ter encontrado uma válvula de escape.

Todo o amor pelos livros e o poder libertador da literatura, que sempre estiveram presentes na existência consciente do autor/leitor, finalmente encontraram lugar. Nomear os sentimentos pelos livros, utilizando termos da teoria literária, e encontrar referências para a sua compreensão de mundo, na obra de grandes autores, referendaram um desejo que estava presente desde antes da incursão pelas Letras, mas que parecia tão distante da formalidade da Academia.

Assim, mais do que a experimentação dos limites da identificação com personagens ficcionais, este trabalho intenciona criar laços com outros leitores que carecem de uma referência para a expressão de uma paixão pela leitura. As personagens ganham contornos mais reais ao se tornarem alvos das cartas. Os autores das obras nas quais estas personagens estão inseridas, mesmo que como fontes criativas delas, alcançam o resultado esperado: se apagam por de trás do poder das suas obras, que ganham vida e espaço na mente e existência de milhares de pessoas ao redor do mundo.

Expandindo um universo elaborado, os autores não têm mais controle sobre o alcance da sua criação e os leitores se tornam coautores dessa experiência, ao integrar toda a sua visão de mundo diante do ato da leitura, absorvendo uma gama ilimitada de possibilidades.

As personagens selecionadas confirmam o papel de mentores diretos de um aspirante a escritor, inspirando e direcionando os caminhos deste autor/leitor que, ao compartilhar em suas cartas todo o alcance dessas obras sobre ele, procura, para além de uma autoapreciação, uma troca com tantos outros autores/leitores que estão a se descobrir.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTOLIN, R. N.; CATELÃO, E. M.; FERREIRA DOS SANTOS, G. J. **Carta Pessoal: do diálogo ao monólogo como meio de expressão, reflexão, enfrentamento dos medos e humanização**. PERcursos Linguísticos, [S. l.], v. 7, n. 17, p. 121-132, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/17342>. Acesso em: 26 jul. 2022.

CANDIDO, Antonio. **A personagem do romance**. In: CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CHBOSKY, Stephen. **As vantagens de ser invisível**. Tradução de Ryta Vinagre. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2020.

FELSKI, Rita. **Identifying with characters**. In: FELSKI, Rita et al. *Character Three inquiries -in literary studies*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2019, p. 77-126. Series: Trios.

LLOSA, Mario Vargas. **A orgia perpétua: Flaubert e Madame Bovary**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

MCEWAN, Ian. **Reparação**. Tradução Paulo Henrique Britto. – São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

VARGAS, Maria Lúcia Bandeira. **O fenômeno fanfiction: novas leituras e escrituras em meio eletrônico**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005.

ZAFÓN, Carlos Ruiz. **A Sombra do Vento**. Tradução de Márcia Ribas. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.